

SOLENIDADE DE SÃO PAULO DA CRUZ

19 de outubro de 2025

250º Aniversário da sua Morte

CAROS IRMÃOS E IRMÃS PASSIONISTAS,
CAROS AMIGOS DA FAMÍLIA PASSIONISTA,



Este ano, a solenidade de São Paulo da Cruz oferece-nos uma oportunidade especial para **comemorar o 250º aniversário da sua morte**, ocorrida no final da tarde de **18 de outubro de 1775**, aqui na Casa geral, em Roma.

Em primeiro lugar, gostaríamos de expressar a nossa gratidão ao Fundador pelo seu exemplo de santidade e fé, pela sua paciência e humildade, pela sua profunda vida mística e espiritual e, ao mesmo tempo, pela sua capacidade prática e organizativa.



Para compreender o seu ponto de chegada e o legado apostólico e espiritual que nos deixou, precisamos de nos sintonizar com a sua trajetória, em particular nos seus últimos anos, que o viram como "protagonista" e "responsável" da Congregação até ao fim, apesar da gradual deterioração da sua saúde.

Começamos em 1769, relembrando a participação de Paulo da Cruz na Missão popular de Santa Maria em Trastevere, em Roma, a pedido insistente do Cardeal Vigário, que o queria como pregador, apesar da sua fraqueza e indisposições. O resultado foi extremamente positivo, com grande afluência e muitas conversões. Esta foi a última Missão em que ele participou ativamente.

Na primavera de 1770, vemos Paulo empenhado em longas viagens para a fundação do Mosteiro de Clausura de Tarquinia (naquela época ainda um projeto que só seria concretizado no ano seguinte) e na sua última visita canónica às comunidades do Monte Argentário (às quais, devido ao mau tempo, chegou parcialmente de navio, de Civitavecchia a Montalto, depois a cavalo até Orbetello e, finalmente, a pé). Paulo realizou essa longa viagem cada vez mais enfraquecido e abatido, e de dezembro de 1770 até ao verão de 1773 ficou "*entrevado num leito de dores*".

Precisamente nos seus últimos cinco anos de vida, vividos quase sempre "*doente*", alcançou resultados longamente esperados, como a fundação do Mosteiro das Passionistas de Clausura (em Tarquinia, em 3 de maio de 1771), a fundação de "*um convento*" em Roma (com a tomada de posse da casa dos Santos João e Paulo, em 9 de dezembro de 1773), a nova aprovação das Regras pelo Pontífice (com a Bula do Papa Pio VI, de 15 de setembro de 1775).

Foram para ele anos de consolação, com a consolidação da Congregação (que contava com mais de uma centena de religiosos, divididos em 12



conventos), a amizade e a confiança dos Pontífices (que lhe concederam audiências e o visitaram na Basílica dos Santos João e Paulo) e o apoio de muitos amigos e benfeitores. Mas, ao mesmo tempo, houve momentos de tristeza e lágrimas, como a morte do Padre Marcaurelio Pastorelli (16 de março de 1774), o último dos seus "*primeiros companheiros*", e depois a morte inesperada do "*maior*" benfeitor da Congregação, o Papa Clemente XIV (22 de setembro de 1774).

Em 1775, encontramos Paulo doente, confinado à cama "no seu quarto" dos SS. João e Paulo, mas ainda comprometido em liderar a Congregação como Fundador e Superior Geral.

A primeira parte do ano foi cheia de atividades para ele, com eventos significativos, como a visita do novo Papa, Pio VI (em 5 de março de 1775); as muitas visitas de Amigos e Benfeitores, conhecidos e peregrinos a Roma por ocasião do Jubileu; as celebrações do Capítulo geral (12-15 de maio de 1775) e dos Capítulos das duas Províncias, de "*Patrimonio*" e de "*Marittima e Campagna*" (em 15 e 16 de maio).

Ele tinha convocado todos os Capítulos para Roma, na Casa geral, para poder encontrar-se pessoalmente com todos os Superiores e capitulares e lhes oferecer as suas palavras de esperança para o futuro da Congregação.

Antes do Capítulo geral, ele, embora fraco, tinha-se comprometido, com a ajuda de alguns dos seus companheiros, a rever pouco a pouco as Regras da Congregação, para promover melhoramentos, a serem aprovados pelo voto capitular e, em seguida, pelo Santo Padre. Nesse esforço, ele "olhou para o futuro", movido pelo desejo de tornar a vida passionista "mais atraente", temendo que certa rigidez ou radicalismo excessivo pudesse mostrar-se intolerável para os futuros religiosos.

O Capítulo geral não apoiou essa "*visão*" de Paulo, rejeitando muitos dos seus pedidos de mudanças nas Regras, mas, mesmo assim,



encontrando nele uma plena adesão às decisões do Capítulo. O mesmo aconteceu com a sua reeleição como Superior Geral: era sua clara intenção concluir o seu mandato com o Capítulo geral; mas não conseguiu fazê-lo, porque, apesar do seus protestos e apelos, foi reeleito por unanimidade no primeiro escrutínio, confirmado seguidamente por um Rescrito especial do Papa Pio VI.

Após o Capítulo geral, a sua saúde não lhe permitiu fazer mais nada. Conseguiu, com dificuldade, celebrar a sua última missa em 15 de junho de 1775, solenidade do Corpus Christi, na capela adjacente ao seu quarto.

Com a chegada do verão de 1775, o seu estado de saúde piorou, devido à incapacidade de se alimentar regularmente, iniciando o declínio gradual que o levaria à morte. A sua fraqueza era acompanhada por muitas e diversas dores, que ele descrevia com a expressão: *"Parece que a minha alma está prestes a ser arrancada do meu peito; não tenho mais um dedo de espaço livre e indolor em todo o meu corpo."*

Apesar dessa situação, ele *"ainda se interessava por tudo, ditava cartas ao secretário, fazia advertências aos religiosos e fazia discursos à comunidade"*, e continuava a receber visitas ocasionais, especialmente de prelados e clérigos, bem como de amigos e benfeitores. Passava grande parte do tempo em silêncio, em oração e contemplação.

No final de agosto, a sua fraqueza atingiu um nível extremo e, por sugestão do médico, que acreditava que o seu fim estava próximo, Paulo pediu para receber o Viático.

Quis que todos os Religiosos da comunidade se reunissem no seu quarto na manhã de 30 de agosto, *"desejando ter o prazer de receber a Comunhão na presença de toda a família religiosa; e, portanto, desejou que a Sagrada Comunhão lhe fosse trazida da igreja para que pudesse expressar os*



seus últimos sentimentos a todos, pedir perdão como Superior da Congregação e fazer a Profissão de Fé". Solicitou que os irmãos levassem o Santíssimo Sacramento da Basílica em procissão solene, com candelabros e pálio, e assim foi feito.

Na presença da Eucaristia, Paulo ergueu os braços e exclamou: "*Meu querido Jesus! ... Declaro que desejo viver e morrer em comunhão com a Santa Igreja*", e então, em voz alta, recitou o Credo. Em seguida, acrescentou: "*Como governei a nossa Congregação por tantos anos, desejo oferecer as minhas últimas e mais importantes lembranças.*" Em seguida, transmitiu aos presentes o que conhecemos como o "*TESTAMENTO ESPIRITUAL DE SÃO PAULO DA CRUZ*".

É interessante notar que, embora exausto pela fraqueza e pelas dores, Paulo viveu esse momento espiritual com grande alegria, clareza e lucidez, renovando a sua Fé e transmitindo aos seus irmãos orientações cruciais para o futuro da Congregação

A partir desse dia, a vida de Paulo continuava cada vez mais enfraquecida pela doença. Imóvel, com os membros exaustos e doloridos, ele multiplicou atos de abandono: "*Não quero nem viver nem morrer, mas apenas o que o meu bom Deus quiser.*"

Àqueles que o visitavam, transmitia um estado de espírito sereno e tranquilo. Costumava dizer: "*Vocês lamentam a minha doença, mas eu não a lamento*"; "*Sit tempus nostrum advenit, moriamur fortiter! Eu não temo a morte, as galinhas, sim, têm medo de morrer.*"

A 29 de setembro, pediu para receber novamente o Viático, após o que convocou o Primeiro Conselheiro geral, o Procurador e o Reitor, dizendo-lhes: "*Morro feliz porque deixo a Congregação nas vossas mãos, mas recomendo-vos que tenham amor à Congregação e à observância.*"



O mês de outubro aproximava-se do fim, vivendo dias de silêncio e de dor, num clima de oração e meditação.

Na tarde de 7 de outubro, *"reconciliou-se, porque no dia seguinte desejava receber a Extrema Unção, para a qual se preparou com grande recolhimento interior. No dia 8, dia dedicado à Maternidade da Bem-Aventurada Virgem Maria, o Padre Gio. Maria, por volta das 14h30, com a assistência de toda a comunidade, depois que o Padre Vincenzo lhe recordou os efeitos deste sacramento, conferiu-lhe o Santo Óleo. Durante o rito, Paulo permaneceu de pé, com as mãos juntas, derramando abundantes lágrimas."*

Na manhã de 18 de outubro, quis receber a Comunhão e então pediu ao Irmão Bartolomeu que não deixasse ninguém entrar *"porque queria ficar a sós, em santo silêncio, para falar só com seu Deus"*.

Por volta do meio-dia, chegou o Bispo Passionista, D. Tommaso Struzzieri. A sua visita deixou Paulo muito feliz, porque o esperava, sabendo que ele estava viajando havia dias.

Após o colóquio com o Bispo, menos de uma hora se passou antes que Paulo entrasse nos momentos finais da sua vida, assistido espiritualmente pelos seus irmãos da comunidade.

"Enquanto isso, o Padre Paulo estava com os olhos abertos e voltados para a grande imagem do Crucifixo que estava e ainda está pendurada na parede do seu quarto, ao lado esquerdo da sua cama, feliz e cheio de alegria, como se não fosse ele quem estivesse a morrer."

"De repente, o seu rosto iluminou-se intensamente, os seus olhos brilharam e, com um ar de júbilo, fez um gesto com as duas mãos para que os que estavam próximos abrissem caminho e, em seguida, com uma das mãos, convidou-os a virem até ele. ... Os presentes entenderam que se tratava de uma visão."



Meia hora antes de falecer, D. Struzzieri, interpretando o desejo mútuo, implorou ao moribundo: "Padre Paulo, lembre-se no Céu da pobre Congregação pela qual tanto trabalhou, e de todos nós, seus pobres filhos!" E o Santo, com um particular fervor, acenou que sim.

Um quarto de hora antes de falecer, fechou os olhos e deitou-se com o rosto alegre, como se estivesse num sono tranquilo. Nessa atitude, faleceu em paz, sem ser notado, com o rosto voltado para o Crucifixo. Faleceu no seu quarto com vista para a fachada da Basílica. Eram 16h45 da quarta-feira, 18 de outubro de 1775".

A comemoração do 250º aniversário da morte de São Paulo da Cruz oferece-nos a oportunidade de reconhecer nele um dom especial para a Igreja e, ao mesmo tempo, nos convida a assumir a nossa responsabilidade em dar continuidade ao seu legado e às suas esperanças para a vida da Congregação.

Agradecemos ao Fundador pelas “memórias” que nos quis deixar a nós, seus filhos, no seu “Testamento Espiritual”, para nos ajudar a salvaguardar, na nossa história pessoal e institucional, a finalidade de nossa vocação, que é “*promover a Memória da Paixão do Senhor pela salvação das almas*”.

Portanto, recolhendo as recomendações do Fundador, podemos resumi-las em três atitudes: *Amai-vos uns aos outros no amor de Jesus Cristo; Amai a Igreja; Amai a Congregação.*

Primeiramente, há o apelo fundamental para que os religiosos da Congregação levem a sério o "mandamento novo" de Jesus: "*Que vos ameis uns aos outros. Assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros*" (cf. Jo 13, 34-35). Isso nos remete para a identidade da nossa vocação pessoal e comunitária, que não visa



prioritariamente o serviço à Igreja ou à sociedade, mas à fraternidade evangélica, que testemunha a proximidade do Reino de Deus.

O Fundador oferece isto a cada Passionista como seu primeiro desejo: *"Eis, meus amados irmãos, o que desejo com todo o afeto do meu pobre coração a vocês que estão aqui presentes, a todos os outros que já usam este hábito de penitência e luto em memória da Paixão e Morte de Jesus Cristo, nosso amabilíssimo Redentor, e a todos aqueles que serão chamados por Deus para esta pobre Congregação e pequeno rebanho de Jesus Cristo."*

O Fundador não desconhecia as dificuldades que a vida fraterna pode apresentar, convidando cada Passionista, passado e presente, a enraizar a sua vocação no amor de Cristo. Tornar-se "discípulo do Senhor" não é automático, mas surge da aceitação e partilha da predileção que Deus demonstrou por cada um de nós.

O Fundador, então, nos convida a viver *"com o maior cuidado um afeto filial para com a Santa Mãe Igreja e uma submissão completa à sua cabeça visível, o Sumo Pontífice, pelo o qual rezarão dia e noite e se esforçarão para cooperar e ajudar as almas a se salvarem, na medida em que puderem, segundo o Instituto, fomentando nos corações de todos a devoção à Paixão de Jesus Cristo e às dores de Maria Santíssima"*.

Este amor pela Igreja é um convite a que nos comprometamos a servir as comunidades cristãs onde atuamos, como ele fez, vivendo o "carisma da Paixão". A nossa colaboração com a Igreja, nas suas diversas expressões locais, expressa-se por meio da nossa presença carismática, que tem como objetivo a salvação das pessoas, com o anúncio do amor de Deus revelado na Paixão de Jesus. Não podemos ser meros agentes pastorais ao serviço das necessidades das Igrejas locais, mas devemos sempre preservar a nossa identidade específica, que é a *"Memoria Passionis"*. A partir dela, podemos julgar o valor e o futuro das nossas atividades apostólicas, que não podem ser genéricas nem



ocasionais. Amar a Igreja significa oferecer-lhe o nosso autêntico serviço passionista, que nasce da Paixão de Jesus, passa pelo sofrimento dos nossos irmãos e irmãs, iluminando-a com o anúncio salvífico de Cristo Crucificado e Ressuscitado.

No seu Testamento, o Fundador confiou a Congregação da Paixão aos seus filhos, pedindo-lhes que a amassem, protegessem, defendessem e nutrissem. São Paulo da Cruz terminou a sua vida com serenidade e confiança, ciente de que a Obra, inspirada por Deus e desejada por Nossa Senhora das Dores, seria levada adiante pelos seus sucessores.

Durante a sua vida, porém, encontrou incertezas e grandes dificuldades, que retardaram a fundação, mas nunca perdeu a fé e a esperança.

Em 1752, escrevendo ao Sr. Tommaso Fossi, Paulo confidenciou o seu medo de não conseguir concluir a fundação, mas, ao mesmo tempo, estava convencido de que a Obra que havia começado seria concluída por seu Inspirador: *"...Agora não espero mais nada além da morte, e acredito que ela está mais perto do que os meus amigos pensam, mas primeiro espero beber um grande cálice de amargura, que será adoçado pela minha resignação à Vontade Divina; e isso será ver a Obra que comecei na terra, porque a preparação é grande, esperando-a em paz, confiante de que, quando eu for sepultado, o Senhor apresentará outro."*

Em 1775, perto do fim de sua vida, confidenciou à sua filha espiritual Rosa Calabresi: *"Pela graça de Deus, não desanimo, mas espero firmemente na misericórdia de Deus, pelos méritos da Paixão de Jesus Cristo", atestando que Deus sempre proveu a todas as suas necessidades, tanto para si mesmo quanto para a Congregação: "Quando éramos poucos, Deus proveu para poucos; quando muitos, para muitos."*

Nós também temos hoje motivos para nos preocuparmos com o futuro da nossa Congregação, com as dificuldades que encontramos dentro e fora, com os nossos recursos limitados, mas não devemos deixar de



encará-la como Obra de Deus, realizada por Paulo da Cruz, mais com as virtudes da Fé e da Esperança do que com suas capacidades humanas. Por isso, amemos a nossa Congregação, trabalhemos por ela e, se necessário, soframmos por ela, sempre olhando para ela com os olhos da Esperança, a única que nos sustenta na fidelidade à nossa vocação, apesar das nossas limitações e incertezas.

O Testamento do Fundador expressa também a sua especial gratidão por aqueles que o ajudaram, assim como à Congregação, com a sua generosidade e profissionalismo, concedendo-lhes os bens espirituais da nossa Congregação. Portanto, não é de se surpreender que, no seu leito de morte, o nosso Fundador tenha feito uma promessa especial à família do nobre Antonio Frattini e do Dr. Giuliani. *"Deixo-vos, como memória testamentária, que, no dia da morte do referido Sr. Antonio e da sua esposa, Sra. Agata, para quem desejo de todo o meu pobre coração e peço ao Senhor uma longa vida, seja realizado um funeral nesta igreja, e que todos os membros religiosos ofereçam os mesmos sufrágios prescritos pela Regra para os falecidos da mesma Congregação. ... E como também sou profundamente grato ao Dr. Giuliani, que tão amorosamente me assistiu durante as minhas longas enfermidades, também vos peço que, se ele quiser ficar entre nós, que aguarde aos pés do Crucifixo e se prepare para uma morte santa, será amorosamente recebido, tratado e amado com toda a caridade."*

A presença destes "*Leigos Passionistas*" no Testamento de São Paulo da Cruz ilumina todas aquelas pessoas, ao longo da história da Congregação, em vários lugares e em diferentes épocas, que compartilharam e apoiaram a missão das nossas comunidades com a sua presença e generosidade. Mais do que uma exceção, esta é uma constante que ainda hoje dá força e apoio ao Carisma Passionista.



Ao celebrarmos o 250º aniversário da morte de São Paulo da Cruz, desejamos renovar a nossa gratidão pelo seu exemplo e pela sua obra. Deixamo-nos interpelar pelo seu Testamento, levando a sério o que nos transmitiu e confiando-nos à sua intercessão por nós e pela Congregação, como nos prometeu: *"Deixo-vos e espero-vos a todos no santo Paraíso, onde rezarei sempre..."*

Para nos ajudar a preparar a solenidade do Fundador, o Conselho geral decidiu acompanhar a novena com um momento de oração e reflexão, que será transmitido diariamente do quarto de São Paulo da Cruz, através da plataforma digital *Passiochristi*. O desejo é entrar no quarto onde o Fundador passou os últimos momentos da sua vida, compartilhando a experiência dos irmãos que, a seu pedido explícito, o assistiram em oração e trepidação, cheios de fé e esperança.

Confiamos, por isso, o caminho da Família Passionista à intercessão daquela que, desde o início, acompanhou a inspiração do Fundador, fazendo nossa a invocação que ele mesmo expressou no seu Testamento:

*"E Vós, ó Virgem Imaculada, Rainha dos Mártires,
também Vós, pela dor que experimentastes na Paixão e morte
do vosso Filho amantíssimo,
também Vós concedeis a todos a vossa bênção maternal,
enquanto eu os coloco a todos e os deixo sob o manto da vossa proteção".*

Amen.

Pe. Giuseppe Adobati, C.P.
Superior Geral

Casa dos Santos João e Paulo, Roma
7 de outubro de 2025
Memória de Nossa Senhora do Rosário.